

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES

Alice Miada

**SE SAFO, AGORA, NOS VISSE**  
ROTAS DE EXISTÊNCIAS LESBIANAS ATRAVÉS DOS BOLETINS  
CHANACOMCHANA

Rio de Janeiro

2022

Alice Miada

**SE SAFO, AGORA, NOS VISSE**  
ROTAS DE EXISTÊNCIAS LESBIANAS ATRAVÉS DOS BOLETINS  
CHANACOMCHANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História da Arte. Orientador: Prof. Dr. Ivair Reinaldim.

Rio de Janeiro, RJ

2022

Dedico este trabalho às mulheres lésbicas que me antecederam e abriram caminhos que hoje percorro.

## AGRADECIMENTOS

Às mulheres que compartilham comigo diferentes caminhadas da vida, que fazem parte do que fui ontem, do que sou hoje e do que serei amanhã.

À minha mãe, Andréa, minha avó, Sandra e minha irmã, Manuela, por significarem a palavra família de formas diferentes do que somos impostas a acreditar. Obrigada por compartilharem os saberes de mulheres de diferentes gerações.

À Bianca, que comigo construiu e constrói diariamente uma família. Obrigada por caminhar ao meu lado, resistindo ao mundo e compartilhando afetos.

À minha sogra Erika e minha cunhada Barbara, outra família que me acolheu, com quem aprendo constantemente sobre o viver a partir de outras perspectivas e olhares.

Às minhas amigas-irmãs, Isadora e Gabriela, que constituem grande parte da minha base, que me acompanham em diferentes jornadas e que de alguma forma estão sempre presentes.

À Cláudia e Raquel, dois encontros que o universo me proporcionou e que nunca me cansarei de agradecer. Obrigada pelas trocas que me ensinam e me transformam.

À Malena, Larissa e Ana, as amigas lésbicas que admiro, que me fortalecem, que me fazem enxergar que o caminhar não é solo, mas coletivo.

Ao meu orientador, Ivair, pela empatia, generosidade e pelo respeito a saberes múltiplos, que vão muito além da necessidade de legitimação acadêmica, mas que transformam os campos de conhecimento e dão voz a diferentes narrativas.

“Marília abre a porta e saímos para a manhã. O dia está mais fresco do que eu imaginava. Ela pega uma manta de tricô que temos desde não sei quando e põe sobre as minhas costas. Ela aperta meus ombros com muita força, porque mesmo depois de todos esses anos, não descobriu a medida certa do carinho. Eu gosto. Porque entendo que naquele ato, naquela força está o nosso carinho. E ficamos ali, atrás do muro que esconde o nosso pátio da rua e que esconde a nossa vida das pessoas.

Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas.”

Natalia Borges Polesso

*Marília acorda - Amora*

## RESUMO

MIADA, Alice. **Se Safo, agora, nos visse: rotas de existências lesbianas através dos boletins ChanacomChana**. Monografia (Bacharelado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo levantar reflexões acerca da construção de existências e subjetividades lesbianas no Brasil, no período de redemocratização, tendo como fonte primária os boletins *ChanacomChana*, produzidos pelo Grupo de Ação Lésbica-Feminista. São analisados os discursos produzidos pelas próprias lesbianas, a partir de textos e imagens, apontando seu caráter disruptivo. Para que essa análise seja possível, é proposto um olhar para o contexto histórico em que essas mulheres estavam inseridas, entendendo os significados atribuídos à linguagem e ao sujeito lésbico na época. Através das imagens das publicações, pretende-se dar visibilidade ao surgimento de diferentes rotas de existências lesbianas, que contribuíram para a criação de possibilidades de ser e ecoam até hoje na construção de presentes e futuros possíveis.

**Palavras-chave:** ChanacomChana, lesbianas, subjetividade, movimento lésbico-feminista, movimentos sociais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Míriam Martinho. Charge sem título, 1982. Boletim ChanacomChana nº 1.....	37
<b>Figura 2.</b> Rudolf Schlichter. <i>Raufende Frauen</i> . Litografia, 1922. Boletim ChanacomChana nº 7.....	38
<b>Figura 3.</b> Autoria desconhecida. Boletim ChanacomChana nº 9.....	39
<b>Figura 4.</b> Autoria desconhecida, assinada por KWW. Boletim ChanacomChana nº 9.....	40
<b>Figura 5.</b> Rudolf Schlichter. <i>Raufende Frauen</i> . Litografia, 1922. (Swan Auction Galleries).....	41
<b>Figura 6.</b> Autoria desconhecida. Imagem de capa do Boletim ChanacomChana nº 9.....	43
<b>Figura 7.</b> Fotografia de integrantes do GALF. Boletim ChanacomChana nº 8.....	44
<b>Figura 8.</b> Fotografia de mulheres participantes da 8ª Conferência do ILIS, 1986. Boletim ChanacomChana nº 10.....	45
<b>Figura 9.</b> Fotografia de mulheres militantes não identificadas. Boletim ChanacomChana nº 12.....	45
<b>Figura 10.</b> Página 13 do Boletim ChanacomChana nº 2.....	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. “SAPATÃO JÁ PRO CAMBURÃO”: (R)existência lesbiana no Brasil durante o período de redemocratização.....</b>	<b>12</b>
<b>2. “OLHA EU AQUI A FIM DE TE CONHECER”: Visibilidade lésbica e criação de subjetividades através dos boletins ChanacomChana.....</b>	<b>22</b>
<b>3. “O AMOR LÉSBICO É MARAVILHOSO”: Possibilidades de existências lesbianas nas imagens do boletim ChanacomChana.....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
Fontes primárias.....	50
Fontes secundárias.....	51



## INTRODUÇÃO

Durante grande parte do meu percurso de graduação me questionei sobre qual seria meu objeto de estudo para realizar um trabalho de conclusão de curso. A arte pode ser entendida a partir dos mais diversos pontos de vista, teorias e vivências – e foi a partir deste pressuposto que escolhi meu tema de monografia. Só poderia falar sobre algo que me atravessasse e que dialogasse com minha experiência de mundo. Estes critérios de escolha são individuais e subjetivos, fazem parte do que acredito e de todas as bagagens que carrego comigo, mas julgo que seja de extrema importância explicitá-los aqui. Trago para cá a proposta da subjetividade, porque ela está diretamente ligada ao tema abordado. Escolhi escrever sobre lesbiandades, porque o fazendo também escrevo um pouco sobre mim. Aprofundar a história do movimento lésbico no Brasil é aprofundar um pouco da minha história, conhecer todas aquelas que me possibilitaram estar aqui hoje, em uma universidade pública de reconhecimento mundial, produzindo saberes e reflexões acerca da lesbiandade.

Há certo tempo me deparei com um boletim intitulado *ChanacomChana*, escrito pelo Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF), um dos primeiros grupos organizados de lésbicas-feministas no Brasil, na década de 80, ainda um período de ditadura militar, mesmo que próximo à redemocratização. A partir daí, acessei um mundo totalmente novo e anteriormente desconhecido. Consegui todos os boletins digitalizados através do site do Acervo Bajubá, criado com o intuito de preservar a arte, cultura e memória LGBT brasileiras e apresentar outras perspectivas historiográficas. É importante pontuar que a facilidade que tive em obter os boletins só foi possível por conta do trabalho incansável de outros pesquisadores, que não permitiram que a história do movimento lésbico se perdesse. Tal realidade seria diferente caso a presente pesquisa tivesse sido realizada poucos anos antes.

Neste trabalho pretendo analisar os discursos produzidos nos boletins, tanto a partir do texto escrito quanto a partir de diferentes imagens que estavam presentes em todas as edições da publicação. Proponho um entendimento das imagens como produtoras de subjetividades e possibilidades de existências lésbicas<sup>1</sup>, e aqui é necessário que se fale no plural, porque as

---

<sup>1</sup> Utilizo ao longo deste trabalho, majoritariamente, a palavra *lésbica*, que vem sendo utilizada como forma de substituir a palavra *lésbica*, que carrega um histórico de cargas sociais pejorativas, ligadas ao crime e à doença. O mesmo acontece com a palavra *lésbico*, que vem sendo substituída por *lésbico*, pelos mesmos motivos já citados. Em alguns momentos utilizo a palavra *lésbica*, que foi ressignificada pelo próprio movimento, mas sempre que possível, escolhi utilizar o termo *lésbica*, trazendo o argumento de Patrícia Lessa

*identidades lésbicas* se manifestam a partir de diferentes vivências e perspectivas, em um momento de luta por visibilidade e espaço social.

Para que essa análise fosse possível, foi de extrema importância entender quem são essas mulheres militantes do GALF e quais eram seus contextos pessoais, pontuando também a problemática homogeneidade dada aos ‘grupos identitários’, nos quais ser uma mulher lésbica é sê-lo de apenas uma forma. Mas além de reconhecer o lugar social a partir do qual falam essas lesbianas, também foi fundamental analisar o contexto histórico em que elas se inseriam e quais significados e imaginários carregava a palavra *lésbica* na época.

Como forma de entender melhor o lugar social do sujeito lésbico, trago reflexões de teóricas pós-estruturalistas, em relação a gênero, sexualidade, corpo e identidade, porque acredito que para discorrer atualmente sobre lesbiandades é preciso que essas reflexões sejam colocadas. Mas também acho necessário pontuar a diferença temporal entre teoria e prática social. As teorias surgem a passos mais largos do que a prática social, uma vez que as estruturas de poder estabelecidas são naturalizadas, mantidas e completamente enraizadas no pensamento social. A luta contra o sistema patriarcal, que estabelece a heterossexualidade como prática reguladora, é feita a passos mais curtos, se comparada ao campo teórico, a partir de mecanismos e articulações possíveis dentro dos contextos históricos e sociais que se inserem. E à teoria também deve caber o papel da prática, uma vez que falamos de um social atravessado por disparidades diversas, de gênero, sexualidade, etnia, classe e regionalidade.

A partir do entendimento dos significados atribuídos à linguagem e aos sujeitos lésbicos no período ditatorial brasileiro, pretendi analisar as imagens presentes nos boletins levando em consideração a dimensão cultural da experiência visual, e como a relação com as imagens constrói nossa percepção sobre o mundo, dentro de contextos históricos e sociais específicos. Nesta pesquisa me interessa entender *o que e como* as lesbianas produziam discursos e lutavam por uma posição social, e quais possibilidades tais discursos construíam.

No primeiro capítulo trago uma contextualização histórica, situando o movimento homossexual dentro do período ditatorial brasileiro e dos acontecimentos da época. Em um primeiro momento abordo o movimento como um todo e as articulações possíveis na luta por espaço social. Em um segundo momento começo a traçar as primeiras rotas de existências do movimento lésbico no Brasil, levantando questionamentos acerca dos sentidos atribuídos à

---

em seu texto *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)*, que diz que renomear abre portas para a transformação de imaginários e para a criação de novos personagens no social.

mulher lesbiana no período, dentro e fora do movimento homossexual, trazendo reflexões de teóricas como Judith Butler, Monique Wittig e Tania Navarro-Swain, acerca do papel social atribuído à categoria mulher e a lesbianas dentro da estrutura de poder heteropatriarcal.

No segundo capítulo mergulho nos boletins *ChanacomChana* e na formação do GALF como consolidação de um espaço de luta exclusivo de mulheres lésbicas. É feita uma análise da construção dos boletins não apenas pelo grupo de militantes do GALF, mas com a participação das leitoras, sendo um espaço de construção coletiva e criação de redes entre lesbianas, de forma pioneira no país, do ponto de vista de alcance e visibilidade das publicações. No capítulo também é feita a pontuação do contexto histórico e social em que estavam inseridas essas mulheres, que contribuíam na construção do movimento lesbiano, mas ao mesmo tempo também construíam entendimentos de si próprias e dos lugares sociais que lhes eram atribuídos. Por meio da análise das páginas dos boletins é levantada a reflexão acerca da construção de diferentes subjetividades e existências lesbianas e o papel de importância que o *ChanacomChana* exerceu para que tais existências fossem tidas como possíveis.

No terceiro capítulo me debruço sobre algumas imagens presentes em alguns dos boletins. Realizei um levantamento de todas as imagens das doze edições do Chana, sendo elas de tipologias e possíveis classificações diferentes, mas para a reflexão proposta no capítulo optei por articular a partir de algumas imagens que, no meu entender, representavam a discussão das existências e subjetividades lesbianas proporcionadas pelo boletim e abriam questionamentos para outras maneiras de ser e estar no mundo, levando-se em consideração o contexto em que estavam inseridas. As mensagens dessas imagens ecoam até hoje no movimento lesbiano, com discursos que se transformam e amadurecem à medida que a própria luta também o faz.

É importante pontuar que seria impossível esgotar em um trabalho de conclusão de graduação todas as histórias do movimento homossexual e lesbiano no período ditatorial brasileiro. Aqui reforço a importância do plural, porque a história não é linear e única, mas um emaranhado de acontecimentos e vivências diferentes, simultâneas e transversais. Sendo assim, optei por focar minhas análises em acontecimentos e movimentos homossexuais organizados, que obtiveram maior visibilidade e alcance na época, atingindo um maior número de pessoas, o que dialoga com a proposta deste trabalho acerca da criação de outras rotas de existências e imaginários para mulheres lesbianas. Isso não quer dizer de forma

alguma que em outras partes do país, que não na região sudeste, não existissem lutas e subjetividades sendo criadas e disseminadas e que contribuem e ecoam até hoje no movimento LGBTI+.

Durante toda a construção deste trabalho procurei exercer um olhar generoso sobre essas mulheres e suas histórias, tendo consciência de que a leitura que faço é atual, sendo de extrema importância entender o contexto social e histórico em que se inserem e como a luta lesbiana se construiu dentro de cenários e articulações possíveis à época. As discussões sobre gênero e sexualidade felizmente têm avançado bastante, proporcionando cada vez mais possibilidades de ser e estar no mundo, rompendo com estruturas de poder enraizadas socialmente e criando novos imaginários, mas acredito que é necessário o exercício de olhar e articular com o passado, para entender e construir o futuro.

## **1. “SAPATÃO JÁ PRO CAMBURÃO”: (R)existência lesbiana no Brasil durante o período de redemocratização**

Os estudos sobre o golpe civil-militar de 1964 e o período da ditadura no Brasil já avançaram significativamente em diferentes campos de conhecimento. A Comissão Nacional da Verdade, instituída em maio de 2012, construiu um registro público de memória coletiva, escrevendo a história a partir das vozes, traumas e lembranças daqueles que viveram este período marcado pela violência, repressão, perseguição de indivíduos que se opusessem ao regime militar e forte censura dos meios de comunicação. Sob a ótica da “família, moral e bons costumes”, exercia-se o controle sobre os corpos e temáticas como a homossexualidade eram reprimidas e constantemente negadas. Como coloca Gabriela COUTINHO:

Segundo a CNV, ficou constatado que a ditadura civil-militar não possuía uma política voltada para o extermínio de homossexuais. Contudo, ao ler relatos e o próprio parecer da CNV, fica claro que os agentes do Estado se valiam de preconceitos e dos conservadorismos já existentes na sociedade para instrumentalizar seus discursos moralizantes. A homossexualidade era considerada um perigo social, moral, patológico e abominável (2019, p. 15).

Na década de 60 o movimento homossexual ganhou força no exterior, principalmente nos Estados Unidos, onde a chamada contracultura teve seu ápice, levantando questionamentos a padrões e normas estabelecidos e mobilização social. Um dos marcos históricos da luta homossexual nesse período foi o Levante de Stonewall, na cidade de Nova York, no qual gays, lésbicas e travestis se revoltaram diante da repressão policial sofrida no bar Stonewall Inn, que era muito frequentado pela comunidade homossexual da época. O confronto com a polícia durou quatro dias e representou um acontecimento importante na história da luta LGBT. Pouco tempo depois foi criado em Nova York o Gay Liberation Front, um dos primeiros grupos organizados de luta por direitos civis de homossexuais.

Mas, apesar da força que a pauta da sexualidade começou a ganhar, a homossexualidade foi catalogada como doença pela OMS até 1990 e no Brasil apenas em 1999 o Conselho de Psicologia proibiu os terapeutas de tentarem mudar a orientação sexual de seus pacientes. Os avanços da luta homossexual demoraram a ecoar por conta da ditadura, que “criou uma espécie de fosso ideológico, exilando os brasileiros dos principais eventos em defesa dos direitos homossexuais que já aconteciam em grande parte do planeta” (PÉRET, 2011, p. 31). O período entre o decreto do AI-5, em 1968, até o final do governo Médici, em 1974, foi marcado como os ‘anos de chumbo’ da ditadura militar, com forte repressão, perseguições, assassinatos e censura a qualquer tipo de oposição ao governo. Nessa época os movimentos sociais foram esvaziados e funcionavam de forma clandestina.

A grande mídia brasileira também teve seu papel na rotulação de homossexuais, a partir de matérias sensacionalistas e desumanas, que reforçavam estigmas e narrativas preconceituosas. Com a epidemia da AIDS, a partir de 1980, jornais e revistas enviavam mensagens de ódio e repulsa a homossexuais, sugerindo até mesmo seu extermínio, como uma forma de acabar com a doença. Foi também uma época de conflitos internos no próprio movimento, diante do medo e da incerteza com a descoberta desse novo vírus, que inicialmente, pautado em preconceitos, foi chamado de *peste gay*, com sua transmissão diretamente ligada a relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

A perseguição a homossexuais foi constante durante a ditadura. Com operações da polícia civil e militar e o respaldo da Secretaria de Segurança Pública, eram realizadas prisões preventivas de gays, lésbicas e travestis, com a alegação de vadiagem (KUMPERA, 2018, p. 6). O delegado José Wilson Richetti foi uma das principais figuras na cidade de São Paulo conhecida por perseguir homossexuais, comandando rondas de “limpeza da cidade” na chamada Operação Cidade, que ocorreu em maio de 1980.

O movimento homossexual não ficou calado diante da agressão investida por parte do Estado e junto dos movimentos negro e feminista convocou um ato público contra a violência policial no dia 13 de junho de 1980, que teve início no Teatro Municipal de São Paulo com caminhada até o Largo do Arouche, uma praça da região central da cidade. Cerca de 500 pessoas, consideradas desviantes da norma e dos padrões sociais estabelecidos, gritaram contra o machismo, o racismo e a homofobia no ano de 1980 no centro de São Paulo, sendo um acontecimento significativo e de resistência contra as atrocidades cometidas durante o regime militar.

Contudo, a violência policial não cessou após o ato público e em 15 de novembro de 1980 aconteceu a Operação Sapatão, também comandada por Richetti. A polícia entrou nos principais bares da cidade frequentados por lésbicas, o Ferro's Bar, Bixiguiña e Cachação, e prendeu mulheres sob o argumento de que eram “sapatão”, mesmo que elas estivessem portando documentos e carteira de trabalho, que eram utilizados para comprovar a “não vadiagem”. As lésbicas foram extorquidas por agentes públicos para serem soltas.

No final da década de 70, com esperança na possibilidade de abertura política, os movimentos sociais começaram a se reerguer e tomar força. Como resposta à ditadura civil-militar houve o surgimento de diversos grupos homossexuais no país, tendo grande destaque de atuação o grupo SOMOS, criado em 1979 no eixo Rio-São Paulo, sendo o núcleo de São Paulo mais estruturado e mobilizado politicamente. Além do SOMOS, outros grupos homossexuais começaram a surgir pelo país, como o Grupo Gay da Bahia/BA (1980), Grupo Dialogay/SE (1981), Gathó - Grupo de Atuação Homossexual/PE (1980), Coligay/RS (1981), entre outros. O SOMOS tem grande destaque na história do movimento homossexual brasileiro por seu caráter pioneiro no debate político sobre a sexualidade e por seu alcance através do jornal *Lampião da Esquina*, a primeira publicação homossexual de circulação nacional que existiu de 1978 a 1981, com os mesmos fundadores do grupo.

Como aponta Flávia Péret no livro *Imprensa Gay no Brasil*, uma imprensa gay brasileira existe desde o início da década de 1960, sendo o jornalzinho *O Snob*, de 1963, a primeira publicação abertamente homossexual do país, que abriu caminho para mais de outras trinta publicações de 1964 até 1969. Essas primeiras publicações eram recheadas de um vocabulário irônico e sarcástico, de insubordinação à sociedade heterossexual, com gírias da comunidade gay, criando uma comunicação própria e codificada dos grupos, que discutiam moda, fofocas e cultura homossexual, mas ainda restritos à classe média e sem participação de mulheres. As publicações da imprensa homossexual são colocadas, dentro da história da comunicação, como parte da imprensa alternativa, ou “imprensa nanica”, pelo tamanho menor dos periódicos em relação ao padrão habitual daqueles de grande tiragem e circulação, sustentados por conglomerados de mídia.

Com abordagem diferente das primeiras publicações homossexuais, o *Lampião da Esquina* era um jornal que tratava a homossexualidade por meio de um viés político, mas que também utilizava do humor e da ironia, tendo como objetivo construir uma imagem positiva da identidade homossexual, combatendo o estigma do gay que não aceita sua própria

sexualidade e se sente perdido e incapaz de uma vida realizada (PÉRET, 2011). Apesar de se tratar de um jornal homossexual, ainda assim era feito por homens e falava majoritariamente com eles, sendo essa uma questão recorrente dentro da história do movimento LGBT no Brasil.

Em maio de 1979 foi publicada a edição de número doze do *Lampião da Esquina*, comemorativa de um ano do jornal. A primeira matéria desta edição foi sobre o grupo SOMOS, contando um pouco de sua trajetória, relatando as dificuldades enfrentadas pelo grupo e tensões internas que aconteciam, junto com os aprendizados que tiravam de cada acontecimento. Também foi relatado que após um debate na USP, no dia 8 de fevereiro de 1979, o grupo ficou mais conhecido e recebeu novos integrantes, entre eles mulheres, mudando o cenário anterior, de um grupo formado apenas por homens. Na matéria, conta que em 1978 não mais que quatro mulheres passaram pelo SOMOS e nenhuma ficou de fato, mas que após o debate em 1979, o número de homens e mulheres chegou a se equilibrar.

Para a edição comemorativa, o jornal convidou mulheres lésbicas integrantes do grupo SOMOS-SP para escreverem uma matéria sobre lesbiandade. Esta foi a primeira vez que as lesbianas se reuniram para escreverem sobre sua sexualidade e vivências em um veículo de comunicação. Elas abriram a matéria com o título “A quem interessar possa” e o seguinte texto:

Apesar de, durante muito tempo, termos apenas uma carta de memória para algum dia mandar ao jornal; Apesar de, durante muito tempo, termos apenas comprado o também nosso jornal - e tentado divulgá-lo entre os mais próximos; Apesar de, durante muito tempo, termos adiado desejo de encontrar algumas mulheres para conversar sobre nós; Apesar do nosso medo, receio de nos expor. Há pesar de nossa ausência num veículo de discussão, de debate e de circulação de ideias de uma questão sempre restrita às páginas policiais - ou, quando tratada "seriamente", sempre etiquetada de secundária. Por isso, apesar de... nós, um grupo de mulheres homossexuais, conseguirmos arranjar um tempinho (sempre se arranja, né?) para falar escrever sobre a nossa homossexualidade. É evidente que a sua (ainda) ausência já se fez sentir. Contudo, acreditamos que você vá se sensibilizar não apenas com o nosso esforço mas principalmente porque vai ter coisas mais a dizer, a discutir e... dará as cartas. Nós estamos chegando atrasadas no Lampião. Mas... Nós também estamos aí (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 7).

Registrar a história do movimento homossexual já é bastante desafiador no sentido de luta constante contra o apagamento histórico desse segmento, mas há ainda mais desafios quando se fala da história do movimento lésbico. Como coloca Tania NAVARRO-SWAIN, “No Ocidente cristão, porém, aos poucos a homossexualidade masculina foi sendo banida e



considerada crime; e a homossexualidade das mulheres desaparece da ordem do discurso” (2000, p. 19).

Os questionamentos realizados por teóricas feministas acerca da categoria ‘mulher’ apontam contradições e levantam problemas estruturais em relação à identidade, gênero e sexo. Quando Simone de Beauvoir reflete que “não se nasce mulher”, ela entende o ‘ser mulher’ como uma construção social. Tal construção pode inclusive deslocar-se de acordo com aspectos culturais e históricos e que não é determinante a priori por uma característica biológica. Logo, o que é entendido como ‘mulher’ é ditado por regras e convenções criadas a partir de estruturas de poder, que operam para a manutenção da dominação masculina. E a sexualidade neste sentido torna-se uma ferramenta poderosa de dominação. Tania Navarro-Swain coloca:

No Ocidente, o cristianismo criou e implementou em torno da sexualidade, aos poucos, um halo de mistério e de pecado, fez da reprodução, esta função física, o eixo em torno do qual passou a girar a vida social, material, espiritual, estruturada na família heterossexual e na instituição do casamento monogâmico (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 54).

Patrícia LESSA, em seu texto *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)*, aponta que “a divisão sexuada da sociedade serve como justificativa para a dominação e a escravidão das mulheres” (2007, p. 81). O sujeito ‘mulher’ é criado em oposição ao sujeito ‘homem’, sendo regrado e controlado a partir dessa relação, e à mulher cabe o papel da submissão e da maternidade para a perpetuação da espécie. A heterossexualidade para algumas teóricas, como Monique Wittig, é o suprassumo da dominação masculina. É através da heterossexualidade compulsória que normas e padrões sociais são estabelecidos e naturalizados, mantendo o poder na mão de homens. A partir dessa reflexão, Wittig afirma que a lésbica não é mulher, porque ela foge das construções sociais de gênero e sexo, já que ‘ser mulher’ é sê-lo em relação ao homem; logo, a exclusão do sujeito masculino também exclui as lesbianas da categoria ‘mulher’, que foi construída a partir do binarismo e do pensamento heterossexual. Como coloca LESSA (2007), para Wittig “a lesbiandade é elevada ao estatuto de conceito revolucionário”. A relação mulher-mulher é uma relação vista como impossível socialmente, porque exclui o sujeito masculino, que é o centro da sociedade patriarcal. Sem a presença do homem, a relação lesbiana é considerada inexistente e é apagada da história. Lessa coloca:

Este silêncio é antes um apagamento das vozes, um assujeitamento desejado das mulheres à hegemonia heterossexista, dominada pelo masculino e centrada na função reprodutiva, visto que o amor entre mulheres ou mesmo o sexo entre mulheres quebra a norma da heterossexualidade na qual o ser-mulher é constituído. Aqui, tanto na relação afetiva quanto na sexual, o referente masculino está ausente; torna-se, portanto, uma relação impossível até de ser pensada (LESSA, 2007, p. 17).

A partir dessas discussões, a matéria escrita pelo grupo de lesbianas do SOMOS para o *Lampião da Esquina* aponta um rompimento de discurso. As comunicadoras ali são sujeitos socialmente inexistentes: não poderiam discursar, já que não existem. Mas tomam a palavra e reivindicam seu lugar “apesar de”. A quem poderia interessar sua existência, senão a elas mesmas? Não é de interesse social que a mulher lesbiana esteja presente, porque é uma presença inconcebível, que vai de contraponto à história das certezas universais. Por isso, a afirmação “Nós também estamos aí” se torna uma autoafirmação e um convite à construção de narrativas lesbianas que desafiam os medos e receios de exposição, à saída das sombras sociais, um convite ao encontro. Ainda na mesma matéria, elas escreveram:

Nós estamos chegando atrasadas e não é apenas porque o Lampião já tem um ano, já anda, fala muita coisa, balbucia outro tanto. Nós estamos atrasadas porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n'alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonhações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, p. 7).

O apagamento se torna uma narrativa internalizada, constantemente repetida no discurso social, e passa a se tornar verdade para as próprias mulheres. Como escreveu Tania NAVARRO-SWAIN (2000), “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento”. Elas abdicam de existir, porque não enxergam possibilidade para tal. Seus desejos são arquivados e tudo que diz respeito à existência lesbiana fica restrito a um imaginário social pautado em estigmas e preconceitos. A recusa da heterossexualidade é a recusa da subordinação da mulher; portanto, só existe no discurso social enquanto modelo a não ser seguido, um desvio do que é certo dentro da lógica patriarcal. É permitido que se fale sobre elas, mas não com/para elas. E é o rompimento desse discurso que é proposto na matéria. A existência lesbiana só interessa às próprias lesbianas, porque por muito tempo lhes foi negada a possibilidade de se enxergarem enquanto sujeitos sociais.

Tamanha foi a importância da matéria para o grupo de mulheres lésbicas, que a partir dessa experiência elas sentiram a necessidade de criar o subgrupo Lésbico Feminista (LF) dentro do grupo SOMOS, quando perceberam que precisavam de um espaço só delas para tratar de pautas e lutas específicas, que eram deixadas em segundo plano no movimento homossexual. Em relação à criação do subgrupo dentro do SOMOS, LESSA (2007) coloca que “a grande questão da ruptura entre as lésbicas e os gays é a percepção de que a homossexualidade não suprime a assimetria de poder entre homens e mulheres, que é uma característica mais ampla da sociedade fundada em bases patriarcais”. Dentro do próprio grupo SOMOS, os gays possuíam atitudes misóginas e lesbofóbicas, reforçando a assimetria de poder entre homens e mulheres.

Cabe ainda reforçar que os movimentos de esquerda e sindicais colocavam a questão da sexualidade como pauta menor diante de uma luta maior: a dos trabalhadores. E, apesar da proximidade com as pautas e teorias feministas, as lésbicas também enfrentaram problemas dentro deste movimento, principalmente ao colocarem a heterossexualidade como um dos principais sistemas de opressão feminina, sendo acusadas de divisionismo e enfraquecimento da luta das mulheres. Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler questiona a noção de ‘mulheres’ enquanto identidade comum, que é utilizada dentro do movimento feminista. Ela escreve:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 1990, p. 21).

Essa noção de identidade como fator homogeneizante também deve ser discutida dentro do movimento homossexual. Se partirmos da reflexão levantada por Butler, que a própria construção de gênero não é fixa e é atravessada por diferentes questões sociais e históricas, a disparidade de poder não é um problema somente entre homens e mulheres homossexuais, mas também ocorre entre pessoas que se identificam dentro da mesma categoria de gênero e sexualidade. Ser lésbica não é sê-lo de apenas uma forma. Assim como as lésbicas acentuaram dentro do movimento feminista a heterogeneidade do ‘ser mulher’, também é

preciso acentuar a problemática homogeneidade dada aos ‘grupos identitários’, para que não sejam reproduzidos os mesmos mecanismos de subordinação contra os quais a luta se constrói.

Além de apontarem a problemática no entendimento de gênero enquanto algo fixo, teóricas pós-estruturalistas como Judith Butler também ressaltam a problemática existente no entendimento do sexo biológico como um dado que dita a identidade do indivíduo, algo *natural*. As estruturas de poder atrelam corpo a sexo, tornando-os conceitos inseparáveis no entendimento social, e ao fator corporal é atribuída grande importância reveladora, a essência do ser, naturalizando a divisão dos corpos em dois grupos distintos, de forma indiscutível, dada *a priori*. Tal divisão binária naturalizada normatiza os corpos a partir da reprodução, estabelecendo a heterossexualidade compulsória como um mecanismo de poder regulatório, ligado ao sexo biológico e fazendo com que gênero e sexo sejam correspondentes dentro da estrutura patriarcal que mantém a subordinação de mulheres. Tania NAVARRO-SWAIN coloca que “a desnaturalização do sexo biológico promove a queda dos bastiões mais poderosos da divisão binária da sociedade, com seus efeitos de apropriação e dominação” (2000, p. 78). A partir desse pensamento, não só o gênero é construído socialmente, como também os corpos, que são criados quando anunciados como sexuais e sua constituição biológica é tida como “natural”. Como escreve BUTLER, “o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (1990, p. 30).

A partir das problemáticas colocadas não só em relação a gênero, como também ao corpo e sexo biológico, a própria ideia de identidade começa a ser questionada. Assim como “ser mulher” presume campos de exclusão por considerar uma unidade dos sujeitos, teóricas como Tania Navarro-Swain questionam o que é a identidade lesbiana. Tanto à mulher quanto à lesbiana é conferida a identidade a partir de um corpo com práticas sexuais estabelecidas. Definir a lesbiandade através da sexualidade e do sexo, para ela, é uma forma de legitimação da norma que determina as zonas de exclusão. Escreve:

É muito fácil cair no essencialismo quando se reivindica uma identidade, quando se liga o ser a uma prática, a uma atração, a um gosto, nem tão particular assim. Uma definição já é um cerceamento, é demarcar apenas uma forma de ser. A necessidade de se dizer, de se explicar, de se traduzir pela sexualidade faz parte de nosso quadro de pensamento, da época pós-psicanalítica. De fato, a questão que se colocaria é: por que temos a necessidade de uma identidade senão para responder às exigências de uma moldura binária de pensamento? (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 94).

Ao falar de *existência* lesbiana no Brasil no período da redemocratização, me proponho a analisar a *história do possível*, os significados e práticas atribuídos ao sujeito lesbiano a partir de circunstâncias históricas, culturais e sociais específicas. Discutir a lesbiandade no período ditatorial brasileiro demanda o verbo *existir*, uma luta primeira, pela demarcação de um lugar social. Às lesbianas, durante séculos, era negada até mesmo a existência nas zonas de exclusão da estrutura social vigente – não se nomeava, logo, não existia. Navarro-Swain traz como exemplo a Inquisição no século XVII, que julgava mulheres acusadas de práticas homossexuais utilizando a palavra “sodomia”, sem nomeá-las, porque nomear abre espaço para produção de discursos e possibilidades de ser. Ela coloca que “ao nomear, identificar, catalogar as lesbianas enquanto desvio da natureza, caricatura do masculino, ou certa patologia, as ciências e o senso comum criaram, ao mesmo tempo o espaço de sua existência, de sua presença no mundo” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 63).

A ideia de ruptura que trazem as teorias pós-estruturalistas, que questionam o essencialismo, a unicidade, a natureza fixa, se faz importante ao analisarmos a lesbiandade. Ser lésbica no Brasil na década de 80 não é equivalente a ser lésbica nos anos 2000, porque os sentidos atribuídos à linguagem variam de acordo com tempo e espaço. Me interessa então entender que discursos eram esses, não os produzidos *sobre* as lesbianas, mas *pelas* lesbianas. Quais e como eram as existências construídas por mulheres lésbicas naquela época e como esses discursos eram produtores de subjetividades e possibilidades de ser e estar no mundo.

A criação do subgrupo Lésbico Feminista dentro do grupo SOMOS demarca uma reivindicação pela existência e o início da produção de discursos sobre lesbiandade pelas próprias lésbicas. Algumas das mulheres integrantes do LF, depois de escreverem a matéria para o *Lampião da Esquina*, não delimitaram sua existência apenas a algumas páginas de um jornal homossexual que falava em sua maioria com homens. Elas criaram o primeiro jornal lésbico do Brasil, o *ChanacomChana*, publicado em 1981, com um alcance diversas vezes menor do que o *Lampião*, mas contendo um grande significado. O LF se desfez no mesmo ano, por divergências com outros integrantes do grupo SOMOS, e três de suas participantes, Míriam Martinho, Rosely Roth e Eliana Galti, fundaram o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), retomando em 1982 a publicação do *ChanacomChana* em formato de boletim.

O boletim *ChanacomChana* produzido pelo GALF tem grande importância para entendermos os significados e práticas atribuídos à lesbiandade no Brasil da

redemocratização. As publicações continham matérias sobre política e sexualidade, abordando temáticas consideradas tabus sociais, com um espaço para encontro entre mulheres lésbicas, com trocas de cartas e poemas. Mas além da linguagem escrita, também estava presente nos boletins grande número de imagens, que ilustravam matérias e outras seções da publicação. São esses discursos produzidos no *ChanacomChana* que analiso no próximo capítulo. Que existências lesbianas os boletins produzidos pelo GALF criaram? A quem interessavam e a quem pertenciam essas existências?

## **2. “OLHA EU AQUI A FIM DE TE CONHECER”: Visibilidade lésbica e criação de subjetividades através dos boletins ChanacomChana**

Depois de formarem o subgrupo LF dentro do grupo SOMOS, as lesbianas começaram a se mobilizar mais enquanto movimento e a levantar questões e pautas específicas de mulheres lésbicas nos eventos em que participavam. O primeiro exemplo desta atuação foi no II Congresso da Mulher Paulista, em março de 1980, no qual a pauta da sexualidade levantada pelo LF causou algumas confusões entre militantes feministas heterossexuais. Como dito anteriormente, o tema da lesbiandade e da heterossexualidade compulsória não era muito bem recebido e nem debatido amplamente dentro do movimento feminista na época, fazendo com que as lesbianas também precisassem afirmar seu lugar e a importância da discussão de suas pautas dentro do movimento de mulheres.

Apesar da resistência em discutir suas questões tanto no movimento homossexual, quanto no movimento feminista, as mulheres do LF não cessaram sua luta por espaço e visibilidade. Em abril de 1980 ocorreu o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e elas estavam presentes, estimulando a formação de outros grupos exclusivos de mulheres, para fortalecer a luta contra o machismo existente também na relação entre gays e lésbicas. Esse evento também evidenciou problemas existentes dentro do grupo SOMOS, que em maio deste mesmo ano se dividiu. Tal divisão deu origem ao Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista e ao Grupo Lésbico-Feminista, que era anteriormente o subgrupo LF do SOMOS. A partir daí as lésbicas tinham um grupo autônomo, desvinculado de qualquer outra organização.

Apesar da conquista de sua autonomia, o Grupo Lésbico-Feminista enfrentou problemas internos, que levaram à saída de algumas integrantes e ao enfraquecimento de sua atuação. Era a primeira vez que este grupo de lesbianas possuía um espaço só delas e muitas questões organizacionais e de direcionamento da luta ainda precisavam ser debatidas. O questionamento da monogamia como herança das relações machistas heterossexuais causou

grande cisão interna, porque, segundo as próprias lesbianas<sup>2</sup>, tocava no ponto das relações interpessoais e questionava sentimentos de posse e ciúmes, parecendo para algumas integrantes uma simples inversão de papéis com os homens, que dentro da lógica patriarcal estavam para a conquista assim como as mulheres estavam para a fidelidade, não sendo visto como algo “revolucionário”. Além disso, disputas pela direção do grupo contribuíram ainda mais para o seu esvaziamento, tanto numérico, quanto de atuação.

Em janeiro de 1981 o Grupo Lésbico-Feminista lançou o primeiro jornal lésbico do país, o *ChanacomChana*. A publicação contou com quatro páginas: uma entrevista exclusiva com Angela Ro Ro, que tomava a primeira e a segunda página, uma matéria sobre feminismo e lesbiandade escrita pela jornalista Maria Carneiro da Cunha, na terceira página, e um texto escrito por Míriam Martinho, na quarta página, contando um pouco sobre as descobertas e vivências do grupo. Ao final da última página também foi explicada a escolha do nome do jornal:

CHANACOMCHANA foi um pulo do conformismo para a participação. Nosso jornal é nossa ponte. A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como “órgão sexual feminino”. É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como “CHANCE”, para alguns como “CHANCA” (pé grande – sapatão?), e para outros como “CHAMA”. O importante é isentar-se das conotações (JORNAL CHANACOMCHANA, 1981, p. 4).

Depois de tanto lutarem pela visibilidade de suas pautas dentro do grupo SOMOS, as lesbianas criaram seu próprio espaço e começaram a dar voz a suas questões. O jornal representa um marco na história do movimento lésbico, a demarcação de um território em construção, que abria espaço para novas descobertas e discussões. O ineditismo de mulheres lésbicas falando sobre si para outras mulheres lésbicas e refletindo sobre os significados e estigmas que o conceito de lesbiandade carregava, abriu espaço para a criação de subjetividades e experiências que antes eram apagadas e negadas constantemente.

Mesmo com o lançamento do *ChanacomChana*, o ano de 1981 representou um período de maior desmobilização do grupo. Além dos problemas já citados que as lesbianas enfrentaram, também era um momento de reflexão do próprio papel que ocupavam dentro do movimento homossexual e do movimento feminista. O jornal *Lampião da Esquina* também fechou suas portas neste mesmo ano, caracterizando uma desmobilização geral do movimento homossexual, principalmente por conta da epidemia da AIDS, que trouxe um clima de culpa,

---

<sup>2</sup> Informação retirada do Boletim ChanacomChana nº 3 - Maio de 1983.



incerteza e julgamentos para dentro do movimento. Junto a isso havia o próprio processo de autodescoberta e auto aceitação, vivido pelas militantes, que precisavam tratar de pautas e questões que transpassavam suas vivências pessoais. Se às lesbianas há muito tempo foi negada a posição de sujeito social, ao se depararem com um espaço formado exclusivamente para suas lutas específicas, também era preciso que entendessem e refletissem suas próprias experiências pessoais enquanto mulheres lésbicas. A construção da militância caminhava em paralelo com a construção de suas próprias identidades, podendo ser libertador, mas ao mesmo tempo assustador e doloroso.

Em outubro de 1981 o Grupo Lésbico-Feminista, que já passava por um período de enfraquecimento, se desfez, e duas de suas integrantes, Rosely Roth e Miriam Martinho, formaram o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), que teve uma importância expressiva na história da luta homossexual e na criação de redes entre mulheres lésbicas. As integrantes do GALF foram protagonistas de alguns acontecimentos marcantes, noticiados em grandes veículos de comunicação, como Folha de São Paulo e emissoras conhecidas de tv aberta, aumentando o alcance e o reconhecimento do grupo e de suas atividades.

O GALF era formado por mulheres universitárias, em sua maioria estudantes de ciências humanas. Essas mulheres estavam inseridas nas discussões acadêmicas não apenas em âmbito nacional, mas também internacional, o que conferia a elas um lugar social de maior privilégio, mas que não diminuía suas vivências pessoais enquanto mulheres lésbicas em uma sociedade heteropatriarcal. O acesso que possuíam às reflexões sobre sexo, gênero e sexualidade, levantadas na época, fez com que construíssem um espaço crítico às normas sociais e que não fündassem a luta lésbica apenas no direito ao amor entre mulheres, mas também questionavam as raízes da dominação masculina e da heteronormatividade como ferramenta de poder. O contato com o movimento feminista fez com que levantassem discussões que tangiam não apenas a sexualidade, mas o modo como a mulher era vista, e construída, na sociedade.

Em dezembro de 1982 o GALF retomou a publicação do *ChanacomChana*, mas dessa vez em formato de boletim, o que reduzia os custos, comparado com o formato em tabloide feito anteriormente, além de facilitar a reprodução e circulação da publicação (LESSA, 2007). Em entrevista para Elizabeth CARDOSO (2004), Míriam Martinho conta como era feita a criação dos boletins:

O ChanacomChana tinha uma cara de fanzine, uma coisa anarquista, dentro da proposta punk da década de 80 e dentro da proposta do feminismo radical. As edições variavam entre 11 e 36 páginas de conteúdo, dependia muito de verba, dos temas a serem abordados ou do tempo de publicação entre as edições. Uma equipe muito enxuta, cerca de quatro pessoas, se responsabilizava pela publicação. Tinha uma reunião de pauta, improvisada. Nós sentávamos, discutíamos, pedíamos sugestão e voluntários; na medida que os textos iam chegando, a gente ia fechando o jornal. A impressão era em copiadora, o original era feito na base da montagem e colagem com recortes datilografados (CARDOSO, 2004).

As integrantes do GALF distribuíam os boletins nos locais mais frequentados por lésbicas na cidade de São Paulo, em eventos que compareciam em outras cidades e para militantes de outras regiões que também participavam dos eventos. A tiragem aproximada de cada edição era de 200 cópias feitas pelo grupo, mas sua circulação acabava sendo maior, porque elas estimulavam que as leitoras fizessem cópias e distribuíssem, e junto a isto, também tinha o medo de algumas mulheres de serem “descobertas” caso alguém encontrasse o boletim no meio de seus pertences, então algumas leitoras não assumidas liam e depois passavam o boletim adiante.

O *ChanacomChana* possuía um cunho político e levantava diversas reflexões sobre lesbiandade, fazendo com que as discussões do campo acadêmico acerca de gênero e sexualidade circulassem para fora da academia. Existia esse objetivo de politizar as lésbicas, com o intuito de retirá-las do lugar das sombras sociais em que sempre estiveram e se permitiram estar. Para isto, as publicações contavam com dicas de leituras sobre feminismo e homossexualidade, explicação do significado de termos e conceitos que utilizavam nas matérias (“papéis sexuais”, “sistema patriarcal”, etc.), apresentação dos símbolos do movimento lésbico, informes sobre eventos e/ou acontecimentos importantes para a luta lésbica e das mulheres no geral, acompanhamento de eleições e informações sobre homossexualidade nas leis, relatos de mulheres lésbicas em situações com família, trabalho, saúde, preconceito, entre outros. Mas além desse caráter político, o boletim também propunha um espaço de construção coletiva de vivências lesbianas, por meio da troca de cartas, poesias e convites às leitoras para enviarem seus textos e reflexões.

A primeira edição do boletim, de dezembro de 1982, já se mostrou diferente da publicação realizada em formato de jornal. Além do maior número de páginas, o boletim continha mais matérias que apresentavam diferentes discussões sobre a homossexualidade feminina, tanto em formato de reflexões, quanto em informativos sobre acontecimentos de âmbito nacional e internacional. O tom dado a esta primeira edição mostrou os caminhos que

o GALF seguiria para a construção da publicação, com uma linha editorial muito mais clara. Logo no início desta edição, é apresentada a proposta:

O BOLETIM CHANACOMCHANA é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que queriam debater, conversar e se divertir conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizerem e para quem for lê-lo também (CHANACOMCHANA, 1982, p. 2).

Essa mesma edição também conta com uma matéria intitulada “O lesbianismo é um barato”, que traz as seguintes reflexões:

O lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente paga pra curtir esse barato. Toda mulher lésbica que já sentiu vergonha por amar outra mulher sabe bem disso. A sociedade falocrata não nos perdoa e vive nos empurrando para os guetos da vida. Os guetos da vida são lugares que o mundo instalou dentro e fora de nós onde se reproduzem todos os opressores estereótipos de masculinidade e feminilidade. Nesses lugares não há espaço para repensar as relações entre as pessoas, experimentar coisas novas e amar. Mas o lesbianismo é um barato e é um barato justamente quando foge dos guetos e se pronuncia contra os mecanismos dos guetos dentro e fora de nós. (...) O lesbianismo é um barato porque propõe o amor entre mulheres de qualquer maneira, seja através do amor físico, de ternura e do respeito pela individualidade da companheira, seja através da solidariedade e da luta organizada contra a opressão que sofrem todas as mulheres (CHANACOMCHANA, 1982, p. 3).

A posição de “saída dos guetos” que é tratada na matéria apresenta o esforço do GALF em retirar as lésbicas de seu “esconderijo”, é um convite à libertação e à ocupação de espaços, tanto geográficos, quanto sociais. O “gueto” está dentro e fora: internamente como o “armário”, a negação de si, o sentimento reprimido, a fuga do autoconhecimento proibido; externamente como a reprodução racional, ou não, dos preconceitos e regras ditadas pela estrutura dominante de poder, a omissão, a aceitação do não-lugar. E a brincadeira com a palavra “barato”, escrita com conotação de gíria, que indica algo bom, demonstra a visão positiva e libertadora que o boletim traz para a lesbiandade, mas que apesar de ser bom, é um barato que sai caro, porque desafia as normas sociais e propõe que mulheres se amem ao invés de se odiarem, e porque retira o papel de importância do homem.

Essa mesma edição também continha informações do ativismo lésbico, nacional e internacional. Uma matéria explicando o que é o ILIS (*International Lesbian Information Service – Serviço de Informação Lésbica Internacional*), contanto um pouco sobre sua formação e atuação, além de noticiar como as leitoras poderiam se inscrever para se tornarem integrantes e/ou receberem o boletim do ILIS. Uma seção de informes com acontecimentos

que o grupo acompanhava ou estava envolvido na época, como a atuação do GALF em um encontro das entidades civis de São Paulo com o governador Franco Montoro, no qual levantaram diversas reivindicações que diziam respeito aos direitos de pessoas homossexuais. Uma extensa matéria sobre o I Festival de Mulheres nas Artes, que ocorreu do dia 3 a 12 setembro de 1982, na cidade de São Paulo e reuniu trabalhos de mulheres em diferentes campos, como música, teatro, dança, artes visuais, debates, seminários, oficinas e futebol.

A partir desse primeiro boletim é possível perceber que o GALF conseguira retomar sua atividade e trabalhar sua organização. As integrantes criaram um grupo de estudos, onde liam sobre as teorias feministas e de gênero, começaram a organizar a biblioteca do grupo e estreitaram contato com outros grupos do exterior, que as enviavam materiais lésbico-feministas<sup>3</sup>. A luta por espaço nos eventos feministas e no movimento homossexual continuava existindo, mas dessa vez as integrantes estavam mais maduras em suas militâncias e no entendimento de sua luta enquanto mulheres lésbicas. Elas começavam a traçar as rotas do movimento lesbiano e a construir seus próprios espaços, possibilitando que se articulassem melhor, criando alianças, apoiando projetos e reivindicando seus direitos no campo político.

Apesar do *ChanacomChana* chegar “botando o pé na porta” e trazer um caráter reivindicativo e combativo, a lesbiandade ainda era um assunto obscuro, às sombras, escondido e reprimido. As próprias militantes relataram suas dificuldades ao se assumirem lésbicas, pelo caráter pejorativo que a palavra possuía socialmente. Na edição de nº 3 do boletim, Rosely Roth escreveu um depoimento contando um pouco de sua trajetória no GALF e vivência enquanto mulher lésbica. No depoimento ela relata que em fevereiro de 1981 enviou uma carta ao grupo manifestando seu interesse em fazer parte e perguntando o que era preciso para que isso acontecesse. Na resposta à carta de Rosely estava escrito que as condições necessárias para se tornar integrante eram ser lésbica, solidária e ter vontade de participar das atividades. Ela escreveu sobre sua reação ao ler a resposta:

A palavra lésbica me chocou. Eu, uma lésbica... A palavra pesava muito, homossexual parecia mais leve. Com o tempo, de tanto ouvir a palavra, sem a carga pesada, preconceituosa e pejorativa normalmente dada a ela, eu comecei a gostar de pronunciar e enunciar o termo, uma das formas de esvaziar este seu caráter “maldito”. Para entrar no grupo eu percorri um longo processo: teoricamente, eu era contra o preconceito à homossexualidade, combatia as manifestações homofóbicas, mas ao mesmo tempo sentia vergonha de ser lésbica. Era uma contradição vivida internamente e um dos passos para a superação desta contradição foi meu ingresso no GALF (CHANACOMCHANA, 1983, p. 8).

<sup>3</sup> Informação retirada do Boletim ChanacomChana nº 3 - Maio de 1983.

O relato de Rosely desmistifica a idealização da militante bem resolvida, que dá as caras custe o que custar, e cria uma ponte com as mulheres lésbicas não envolvidas no ativismo, uma dor que conecta todas as integrantes do GALF e as leitoras, mostrando que é possível lutar pela causa lésbica mesmo que ainda se esteja em seu próprio processo pessoal e individual de autoaceitação, que para algumas é mais rápido, mas para outras é mais lento e doloroso. Essa personalidade que estava presente no *ChanacomChana*, dava nome aos sujeitos, criava laços de confiança e conexão. As lésbicas não eram mais números, piadas, proibições; elas existiam, trabalhavam, se relacionavam, eram mães, avós, filhas, mulheres com opiniões e vontades.

Esse caráter mais subjetivo e pessoal estava bastante presente na seção de poesias do boletim, na qual eram publicados textos de leitoras e de algumas militantes do GALF. Na parte dedicada às poesias, em algumas edições, havia escrito: “Não escreva só na porta dos banheiros, mande o seu recado de amor pelo *ChanacomChana*”. Este tornou-se um espaço de confissão, declaração, de expor sentimentos reprimidos e colocar para fora tudo que se engolia no dia a dia. Algumas poesias falavam de assuntos como culpa, vergonha e medo, como uma das publicadas na edição nº 6 e assinada com o nome de Zulmira:

Eu queria ser um rio  
para o mar conquistar  
Ser um espinho desregrado  
para uma rosa cobiçar

Eu queria ser uma tara  
para satisfazer seus instintos  
Ser pecado capital  
seu desejo mais distinto

Queria ser um lençol  
de casa de viração  
Encobrir toda vergonha  
descobrir toda a intenção

Enfim, o que eu mais queria  
era sair do convencional  
Provar do fruto proibido  
sem medo de passar mal  
(CHANACOMCHANA, 1985, p. 6)

O medo de provar o “fruto proibido” e o sentimento de vergonha que a autora escreve que gostaria de cobrir, fazia parte da realidade de muitas leitoras e de militantes do GALF, por

isso esse espaço de poesias se mostrava tão importante dentro da proposta do boletim. Era uma forma de externalizar o que era obrigado a se guardar ou ignorar. Este poema de Zulmira fala da parte dolorosa da descoberta, quando as batalhas internas fazem crescer o medo e a vergonha de um caminho que foi ensinado não ser o certo ou o aceitável. Mas analisando o boletim nº 7, é possível encontrar outro poema assinado por Zulmira, que traz um outro lado da descoberta:

Se Safo, agora, nos visse  
 Por certo invejaria  
 de Lesbos aplaudiria  
 o amor dessas Marias

Se os deuses nos assistissem  
 decerto se encantariam  
 Quanta beleza – diriam –  
 No amor dessas Marias.

Dois corpos iguais de Marias  
 esculpindo uma só emoção  
 e, fazendo do amor artesão,  
 se faça das duas um só coração!  
 (CHANACOMCHANA, 1985, p. 3)

Talvez o contato com o boletim tenha possibilitado que Zulmira se libertasse das amarras sociais que a faziam sentir medo e vergonha, assim como Rosely Roth escreveu em seu depoimento, que após o contato com o GALF, ouvindo a palavra “lésbica” ser repetida diversas vezes com uma conotação positiva, ela acabou por admirá-la. Não temos como saber o percurso de Zulmira e nem os motivos para ter escrito dois poemas com visões diferentes da vivência lésbica. Talvez Zulmira sempre fora assumida, ou tenha vivido toda sua vida “dentro do armário”. Muitas mulheres que escreviam para o Chana não usavam seus nomes verdadeiros, por medo de serem descobertas, por quererem maior privacidade. Não conseguimos saber ao certo quem era Zulmira, nem quais eram suas motivações, mas ela existiu, naquele breve espaço do poema, e permitiu que outras mulheres imaginassem sua vida, sua história, que se identificassem, chorassem, rissem e refletissem. Nem sempre os nomes que apareciam eram os verdadeiros nomes, mas, mesmo assim, criavam sujeitos, vivências e possibilidades. Zulmira poderia ser Ana, Ester, Maria, Conceição, mas independente do verdadeiro nome que carregava no documento, era alguém, que existia no mundo e quis compartilhar um pouco do que sentia.

O *ChanacomChana* possui tamanha importância não apenas pela visibilidade que deu à luta política das lésbicas, mas também por criar um espaço de trocas de experiências que antes não existia para essas mulheres. O boletim rompeu a bolha do esquecimento, deu a elas o reconhecimento enquanto sujeitos sociais e possibilitou a criação de subjetividades lesbianas. Quando falo da criação de tais subjetividades, é no que diz respeito à construção e reconhecimento de vivências lésbicas individuais, a partir de novos referenciais que fogem à norma heteropatriarcal de sociabilização. O processo de subjetivação acontece a partir dos contextos específicos em que cada mulher lésbica leitora e/ou colaboradora do boletim está inserida. O Chana representa assim, a abertura de portas para o encontro consigo mesma, uma vez que todas são diferentes e experienciam a lesbiandade a partir de uma perspectiva única.

A atuação do GALF e, principalmente, o boletim *ChanacomChana*, ganharam grande visibilidade a partir de alguns acontecimentos que foram noticiados na grande mídia. Na edição nº 4 do boletim é relatada a manifestação no Ferro's Bar, um dos bares que era muito frequentado por lésbicas na cidade de São Paulo. As militantes do GALF sempre distribuíam os boletins no local, mas começaram a ser agredidas pelo porteiro, tanto verbal quanto fisicamente, com tentativas de impedi-las de continuarem distribuindo a publicação. A gota d'água foi no dia 23 de julho de 1983, quando um dos donos do bar, junto com um segurança e o porteiro, tentaram expulsá-las de vez do estabelecimento utilizando força física. Nesse dia, diante da resistência das militantes em se retirar, o dono do bar chamou a polícia, alegando "arruaça". Os policiais, após ouvirem ambas as partes, inédita e inesperadamente, disseram que não poderiam tomar qualquer atitude contra as mulheres, uma vez que os direitos eram iguais para todos os brasileiros. Diante de tal acontecimento, as militantes do GALF resolveram organizar uma manifestação no Ferro's Bar. Organizaram o ato por um mês, distribuindo panfletos e convidando algumas figuras políticas, como a deputada Ruth Escobar (PMDB), a vereadora Iredé Cardoso (PT), o deputado federal Eduardo Suplicy (PT), a bancada do PT na Assembleia Legislativa e a advogada Zulaiê Cobra Ribeiro, representando a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Comissão dos Direitos Humanos.

No dia 19 de agosto de 1983, um pouco depois das nove horas da noite, o Ferro's Bar encontrava-se cheio de pessoas, frequentadoras ou não, que foram participar da manifestação. O porteiro tentou fechar as portas e impedir que as militantes do GALF entrassem no recinto, mas acabou perdendo a luta de força física, diante de gritos de "entra!" que ecoavam dentro do local. A imprensa estava presente e em meio aos flashes as lésbicas conseguiram finalmente

entrar no bar. A deputada Irede Cardoso discursava pela liberdade democrática. Assim que entrou no estabelecimento, Rosely Roth subiu em uma das mesas e denunciou as atitudes autoritárias que se repetiam ali. Em frente à imprensa e a todos os presentes, o dono do bar, diante das denúncias e dos gritos por justiça, declarou que o grupo poderia vender o boletim no local. Esse acontecimento marcou a história do movimento lésbico e deu origem ao Dia do Orgulho Lésbico, comemorado todo dia 19 de agosto.

Outro caso que trouxe grande visibilidade para o GALF foi a participação de Rosely Roth no programa da Hebe Camargo, em 1985. Ela foi convidada para falar sobre homossexualidade feminina, junto com o psiquiatra e psicoterapeuta Ronaldo Pamplona da Costa, uma funcionária pública chamada Maria Amélia, que pedira para participar por ser mãe de uma mulher lésbica, e alguns outros convidados que estavam ali para divulgarem seus trabalhos individuais e não tinham relação com o tema debatido. Maria Amélia se mostrou completamente preconceituosa, com discursos de ódio e repressivos durante todo o programa. Como relatou no boletim nº 8, Rosely sabia que aquela seria a chance de atingir lugares inacessíveis ao GALF, via canal de televisão aberta. Ela aproveitou sua participação para mostrar o *ChanacomChana* e divulgar a caixa postal do grupo. Alguns dias depois os jornais Folha de São Paulo e Folha da Tarde fizeram matérias noticiando que a apresentadora Hebe recebera uma carta do chefe do serviço de censura federal de São Paulo alegando que o programa fizera apologia ao “homossexualismo feminino”, solicitando que ele fosse proibido de ser transmitido ao vivo. Apesar da censura sofrida e de grande parte da discussão ter sido tomada pelas falas preconceituosas de Maria Amélia, após a participação de Rosely no programa, o GALF recebeu mais de 200 cartas, com relatos de mulheres lésbicas que se identificaram com a mensagem de Rosely e viram na figura da servidora pública suas próprias mães. Marisa Fernandes, uma das militantes do GALF, conta que em muitas cartas as mulheres diziam que não iriam mais cometer suicídio, porque descobriram que não estavam sozinhas. O grupo respondeu todas as cartas recebidas.

A criação de redes representa um feito importante do *ChanacomChana*. A primeira edição não contava com a seção de poesia e de cartas e ainda não tinha os convites de participação das leitoras. Essas seções começaram a ser incluídas a partir do segundo boletim. Analisando as cartas recebidas pelo GALF e publicadas nesta segunda edição, uma delas, assinada por Neide, conta que ela havia gostado, mas que sentia falta de algo mais amigável,



como uma seção de poesias ou troca de correspondências, algo que poderia movimentar mais as pessoas. Talvez tenha sido por esse motivo que o grupo resolveu incluir essas novas seções.

Outra seção, que com o tempo e visibilidade do grupo foi crescendo cada vez mais, foi a intitulada em algumas edições como “Olha eu aqui a fim de te conhecer”, na qual as leitoras poderiam enviar seu endereço de caixa postal para o recebimento de cartas de outras mulheres interessadas em se corresponder. Essa seção recebeu diferentes nomes, sendo estabelecido depois de um tempo como “troca cartas”, seguido da frase: “Para um papo, uma amizade, uma transa, escreva para:”. O crescimento do número de caixas postais publicadas é expressivo, sendo divulgados no primeiro boletim apenas três contatos, e no de nº 11, cinquenta e nove contatos, de diferentes regiões do país.

A participação das leitoras era estimulada e algumas publicações continham matérias escritas por elas. Um exemplo é a edição de nº 8, que contou com um relato de homofobia sofrido por uma leitora no Ferro’s Bar, em uma seção do boletim intitulada “Histórias de heterorror”, e uma matéria na qual uma leitora dá sua opinião em relação aos papéis sexuais dentro da homossexualidade feminina. Esse convite à escrita, não apenas na seção de poesias e cartas, mas também no compartilhamento de opiniões e relatos de casos vividos, fez com que as leitoras do boletim também fossem parte ativa de sua construção, movimentando as mulheres lésbicas e estimulando-as a compartilharem suas reflexões e sentimentos. É importante lembrar que tratava-se de uma época em que não existiam as redes sociais digitais, que facilitaram a disseminação de informações e vivências nas últimas décadas. Em algumas edições dos boletins é possível encontrar a seguinte mensagem às leitoras: “O ChanacomChana também é seu. Envie-nos sua opinião, críticas, sugestões, poesias, desenhos, o que você quiser”. Esse espaço colaborativo foi parte importante da construção da luta lesbiana.

A partir da análise das intenções e direcionamentos dados ao boletim *ChanacomChana* é possível perceber seu ineditismo no que diz respeito à construção dos sujeitos lesbianos. Das sombras sociais aos holofotes da mídia, as lesbianas começaram a reivindicar seu espaço e a mostrar que existem sim, a sociedade gostando ou não. A afirmação “Nós também estamos aí”, escrita na edição comemorativa do *Lampião da Esquina*, concretizou a luta por visibilidade, que por muito tempo fora deixada de lado. A atuação do GALF abriu espaço para novas possibilidades de existências lesbianas e o *ChanacomChana* teve papel fundamental nesse processo. A análise dos textos e da estrutura do boletim possibilitou o entendimento de

seu contexto de produção, o período histórico em que estava inserido e os significados atribuídos à palavra “lésbica” naquela época. Mas um outro elemento também estava muito presente em todas as edições da publicação: as imagens.

O “enrustimento” fazia parte da realidade de uma grande parcela de leitoras e colaboradoras do Chana. Como dito anteriormente, muitas mulheres passavam o boletim adiante, com medo de serem “descobertas”. O nome escolhido, **CHANACOMCHANA**, escrito em negrito e letras garrafais em todas as capas da publicação, já (d)enunciava seu conteúdo. Mas na capa e em muitas matérias, estavam presentes diferentes imagens, de diferentes categorias, como charges, símbolos, tirinhas e fotografias. E assim como o texto escrito, as imagens continham uma forma de comunicação e um conjunto de significados passíveis de diferentes interpretações. No próximo capítulo me debruço sobre algumas imagens presentes no boletim, refletindo sua presença e possibilidades dentro do contexto apresentado até aqui.

### 3. “O AMOR LÉSBICO É MARAVILHOSO”: Possibilidades de existências lesbianas nas imagens do boletim ChanacomChana

Em outubro de 2017 o Museu de Arte de São Paulo (MASP) inaugurou a exposição Histórias da Sexualidade, que contou com mais de quatrocentas obras, organizadas em nove núcleos temáticos, que levantavam reflexões acerca do tema. O boletim *ChanacomChana* estava presente no núcleo intitulado “Políticas do corpo e ativismos”, junto do jornal *Lampião da Esquina*. No catálogo da exposição, Adriano Pedrosa, diretor artístico do museu, escreveu:

Que histórias a arte, a cultura material, ou o que Lina Bo Bardi chamou mais amplamente de “trabalho” podem contar para além da história da arte? Para além dos movimentos, escolas, estilos da própria arte? Como podemos construir narrativas que possam justapor ou cruzar objetos ou *trabalhos* significativos de diferentes períodos, territórios, origens, tipologias? Afinal, o MASP não é apenas o museu da arte europeia ou do cânone, mas inclui também em seu acervo arte da América Latina, da África, da Ásia, arte pré-colombiana, arte antiga, arte moderna, arte contemporânea, a chamada arte popular. (...) Nossas *histórias* podem, portanto, estabelecer fricções e diálogos entre esses muitos objetos, desafiando hierarquias, territórios e tipologias, campos de estudo e pesquisa. (CATÁLOGO HISTÓRIAS DA SEXUALIDADE, 2017, p. 11).

A reflexão colocada por Pedrosa e a presença do *ChanacomChana* na exposição do MASP são aqui utilizadas para pensarmos as imagens presentes no boletim a partir do campo da história da arte, onde faz-se necessária a interseccionalidade de disciplinas e de entendimentos sobre o próprio conceito de arte. Aqui propõe-se olhar não apenas a comunicação simbólica das imagens, sua interpretação, mas também suas ações, bebendo do entendimento de arte colocado por Alfred GELL: “Encaro a arte como um sistema de ação cujo fim é mudar o mundo, e não codificar proposições simbólicas a respeito do mundo”<sup>4</sup> (2018, p. 251).

<sup>4</sup> Revista Poiésis. Disponível em: [http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis14/Revista\\_Poesis\\_TradAntropologia.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis14/Revista_Poesis_TradAntropologia.pdf)

Como vimos anteriormente, o processo de apropriação da linguagem pelas lesbianas foi repleto de camadas de complexidade diversas e não lineares, principalmente no que diz respeito ao caráter individual e subjetivo vivido por cada uma, leitora ou produtora do boletim. Reconhecer-se como “lésbica”, e até mesmo pronunciar a palavra, já era algo assustador e, muitas vezes, dolorido. Como dito, não só o movimento político lésbico estava em construção, como os próprios sujeitos lésbicos, que ainda procuravam entender e questionar os papéis sociais que lhes foram dados e naturalizados. A palavra escrita e pronunciada possuía conotações pré-estabelecidas do que era aceito, ou não, dentro da norma social. Mas em todos os casos de repressão e tentativa de normatização, não é apenas a linguagem verbal que é controlada, mas também a não-verbal, os símbolos e imagens que comunicam e são dotados de significados e interpretações diversas. Um exemplo disso é a forte censura que existiu durante o período ditatorial no Brasil, sendo proibidas quaisquer tipos de comunicações que iam contra o regime da época, fossem elas imagens, palavras, ou falas, que denotassem algum tipo de posicionamento político de oposição.

Guy Debord descreve a sociedade capitalista como a “sociedade do espetáculo”, na qual o controle dos corpos se dá, além de outras formas, a partir do que pode ou não ser visto e de *como* se deve ver. Esse controle sobre o que é, ou não, permitido que se veja, constrói experiências visuais pautadas em estigmas e preconceitos, que são reforçadas e naturalizadas socialmente. A ideia do olhar que traduz o espelho do real há muito foi derrubada, não apenas em seu aspecto cultural, mas também fisiológico, a partir de estudos científicos. enxergamos não só com os olhos, mas também com o cérebro, o que torna a experiência visual diferente para cada indivíduo e repleta de interseções culturais, sociais e históricas.

A dimensão cultural da experiência visual é objeto de estudo do campo da Cultura Visual, que não se restringe apenas às imagens, mas à visualidade como um todo. As reflexões levantadas pelo campo podem ser utilizadas para pensarmos o sujeito lésbico de forma ampliada, entendendo como esse sujeito é visto e construído socialmente. Peguemos um exemplo imaginário, mas completamente possível, criado a partir dos moldes operantes da sociedade heteropatriarcal: a cena de duas mulheres se beijando na rua, de um lado temos uma família tradicional cristã e de outro, um grupo de homens que performam a masculinidade hétero cis e todos seus estereótipos possíveis, que sustentam as estruturas dominantes de poder. As crianças rapidamente têm seus olhos cobertos por seus responsáveis, que fazem expressões de horror e nojo. O grupo de homens fixa o olhar, como animais famintos olhando

suas presas, como se as mesmas estivessem implorando para que as devorassem. Uma mesma cena é vista de diferentes formas, e ambas nos contam um pouco de como o sujeito lésbico é visto socialmente: com repulsa e horror, algo não natural, e como objetificação de prazer masculino, que só serve enquanto objeto sexual, porque sua existência é inconcebível fora disso. Em um ou em outro, o mesmo fato social é reforçado: às lésbicas não cabe o direito ao amor.

No *ChanacomChana* as imagens sempre estiveram presentes, desde sua primeira publicação, em formato de jornal. Elas estavam nas capas de todas as edições, além de serem encontradas em diversas seções do boletim. A presença de imagens em publicações lésbicas não era algo comum, porque muitas mulheres não eram assumidas, sendo essa uma outra característica disruptiva do Chana, que não economizou no uso da linguagem não-verbal como uma forma de comunicação com as leitoras. Partindo do princípio já apresentado, de que a experiência visual nunca se dá de forma igual para todos, quais possibilidades de interpretações e significados poderiam carregar as imagens presentes nos boletins? E mais ainda, qual era o produto dessa presença?

Um gênero textual bastante utilizado pelas militantes do GALF foi a charge. A palavra tem origem francesa e significa “carga”, “ataque”, “exagero”. Surgiu no século XIX, como forma de ridicularizar países inimigos da França (XAVIER, 2011). Esse tipo de ilustração humorística é comumente vista em jornais e revistas, e apesar de seu caráter divertido, possui um objetivo claro de crítica, expondo o que existe “por trás dos panos” das relações sociais e políticas. Como coloca Girlene Rodrigues de Souza Xavier:

A polifonia e o humor do texto chágico fazem com que ele afirme e negue, eleve e rebaixe ao mesmo tempo, proporcionando ao leitor refletir sobre fatos e personagens do mundo político ou social, uma vez que expõe tudo aquilo que está oculto por trás da figura caricatural e da linguagem (XAVIER, 2011, p. 34).

Muitas das charges presentes no *ChanacomChana* eram criadas pela militante do GALF Míriam Martinho, como uma presente no boletim nº 1:

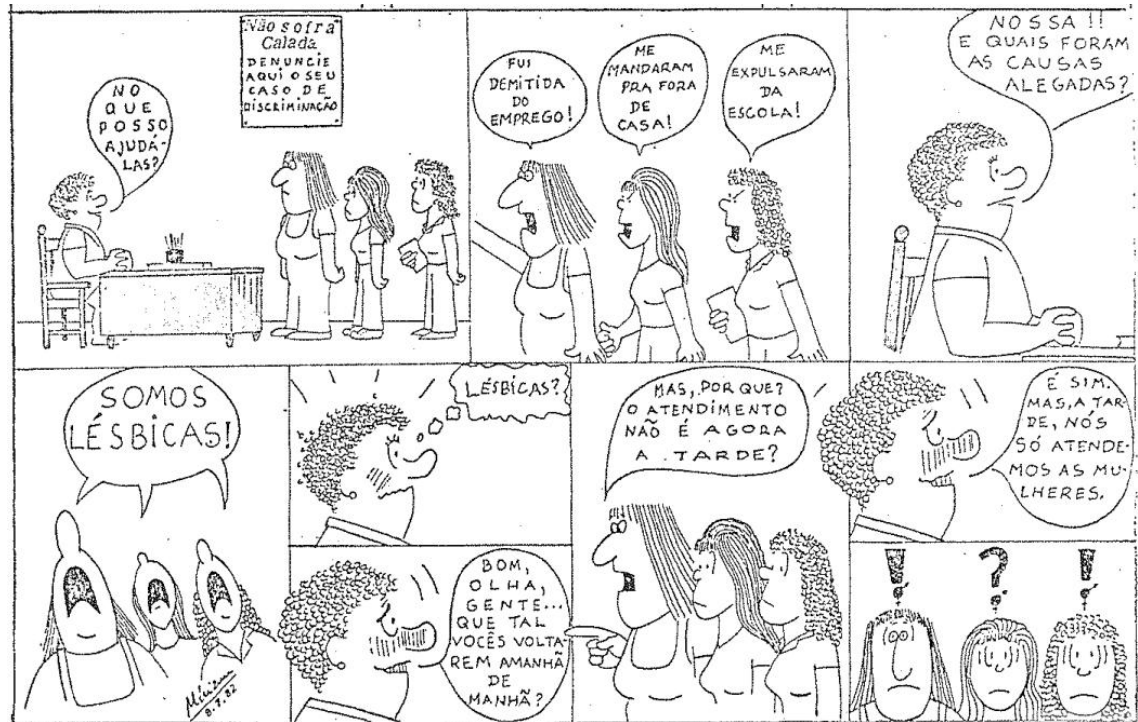


Figura 1 – Míriam Martinho. Charge sem título, 1982. Boletim ChanacomChana nº 1.

A charge apresenta diversos elementos paradoxais, que ao mesmo tempo ironizam e denunciam questões sociais e o modo como eram vistas as lésbicas. No primeiro quadro é possível ler um aviso na parede que diz “Não sofra calada, denuncie aqui seu caso de discriminação”, indicando que trata-se de um local que presta assistência a mulheres. Assim que as mulheres relatam a discriminação que sofreram por serem lésbicas, a atendente muda sua expressão e a palavra lésbica surge em seu pensamento como algo estranho e amedrontador. A resposta final, indicando que lésbicas não poderiam ser atendidas no horário de atendimento dedicado às mulheres, expõe a forma como o sujeito lésbico era encarado. Uma mulher só poderia ser uma mulher se estivesse dentro das normas e padrões sociais estabelecidos para seu gênero; portanto, às lésbicas não cabia o papel de mulher, uma vez que fugiam do ponto principal das estruturas de poder: a heterossexualidade. Aqui a reflexão de Wittig, de que uma lésbica não é uma mulher, faz-se verdade, mas não de forma revolucionária, como proposto pela teórica, e sim discriminatória e excludente.

A questão tratada na charge ainda é, em muitos aspectos, atual, mas os efeitos de sua leitura são inevitavelmente modificados ao longo do tempo e dos referenciais. Em 1982, na primeira edição do boletim, quando a luta por visibilidade e espaço ainda se construía e a própria formação das leitoras não ocorrera, a denúncia possuía um caráter vanguardista e

abria discussões que seriam tratadas ao longo de toda a existência do *ChanacomChana*. Algumas reflexões podem parecer óbvias se enxergarmos a partir da ótica atual, na qual as mídias sociais são instrumento de disseminação de questionamentos e diálogos, e o próprio lugar da luta lesbiana já se modificou e avançou em níveis sociais e políticos, ainda que haja um longo caminho pela frente. É importante pensarmos nos efeitos que essas linguagens produziam a partir do contexto histórico e social em que estavam inseridas.

As imagens presentes nos boletins possuíam diferentes naturezas e muitas vezes eram posicionadas em diálogo com a temática abordada no texto, mas existiam casos em que as imagens eram colocadas pelas páginas, fazendo parecer uma escolha “aleatória”, sem que necessariamente cumprissem um papel de “ilustração” para o texto escrito. Uma das imagens presentes no boletim de número sete é a reprodução de uma litografia datada de 1922, feita pelo artista alemão Rudolf Schlichter. O nome da obra em alemão é *Raufende Frauen*, que em tradução livre seria algo como “mulheres brigando”, mas que também era conhecida como *Liebende* (“amantes”):

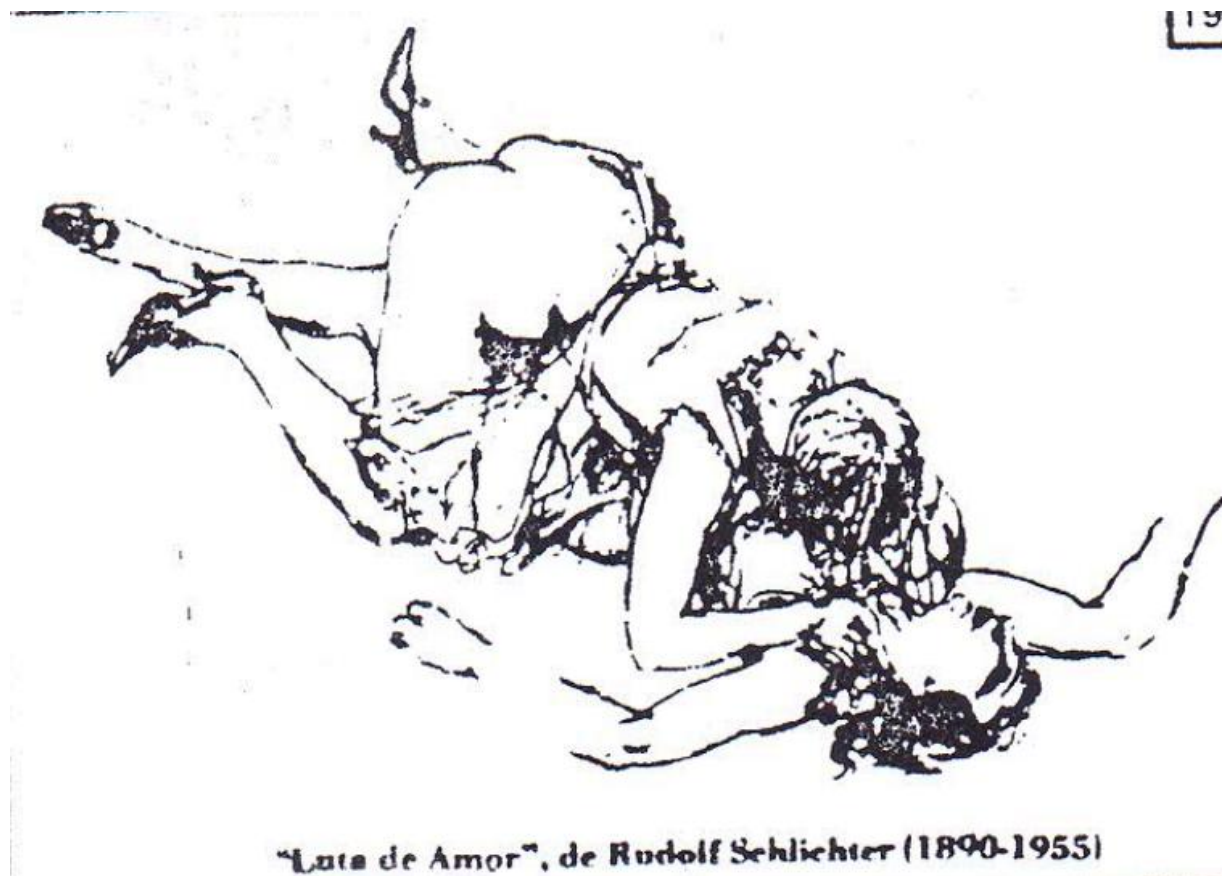


Figura 2 – Rudolf Schlichter. *Raufende Frauen*. Litografia, 1922. Boletim ChanacomChana nº 7

No boletim a tradução dada foi “Luta de Amor”, o que pode nos indicar alguns possíveis indícios de leituras e usos das imagens escolhidas para compor a publicação. A imagem retrata duas mulheres, uma sobre a outra. A que está em cima tem suas pernas abertas ao redor do quadril da outra mulher e possui parte de seu corpo desnudo, deixando visível a parte traseira da região abaixo de sua lombar. Suas mãos parecem apoiar-se perto do pescoço da outra mulher. A que está abaixo parece carregar uma expressão de prazer em seu rosto, seus braços estão abertos, seu corpo deitado, sua cabeça pendendo levemente para trás e suas pernas esticadas. Ambas as mulheres parecem estar usando vestidos e estão calçadas com sapatos de salto. Alguns detalhes da cena se confundem, pelo emaranhado dos cabelos e do tecido de suas roupas.

Imagens de duas mulheres em momentos mais íntimos e com corpos nus estavam presentes em diversas edições dos boletins, como nos exemplos presentes na publicação de nº 9:

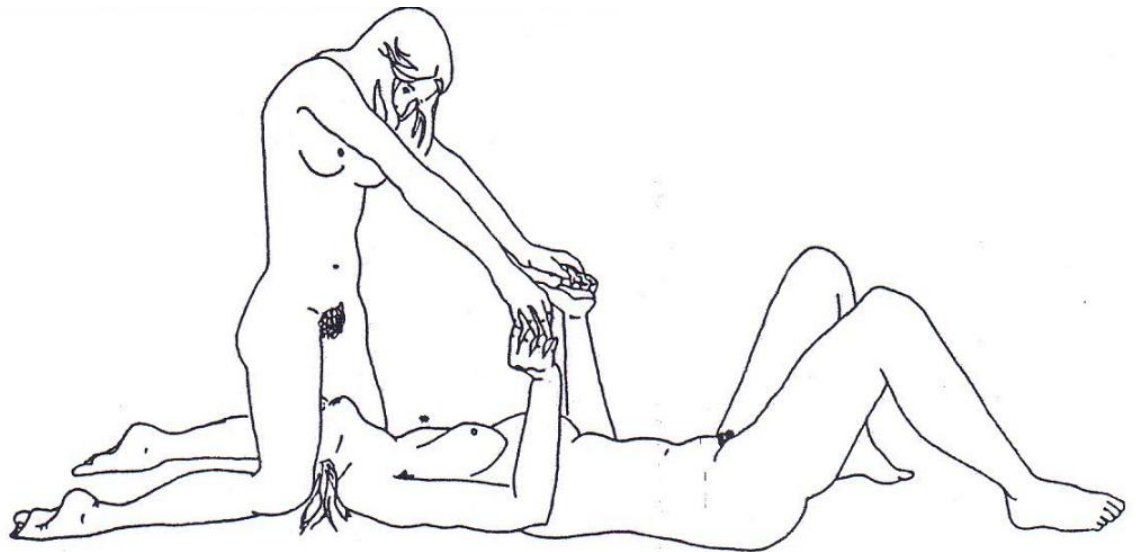


Figura 3 – Autoria desconhecida. Boletim ChanacomChana nº 9





Figura 4 – Autoria desconhecida, assinada por KWW. Boletim ChanacomChana nº 9.

Mesmo que as imagens possuam características históricas e estéticas diferentes entre si, a temática em comum é o que parece ser o fator de maior relevância para sua presença na publicação. Por isso torna-se essencial o entendimento do contexto histórico e social da produção do boletim. A litografia de Rudolf Schlichter teve seu título traduzido como “Luta de Amor” e mesmo que a tradução não tenha sido feita pelas próprias militantes do GALF, uma vez que as imagens eram recortadas e coladas para montar a publicação que seria copiada, a escolha de sua presença já indica um fator de concordância. A luta de amor pode ser lida, de forma mais óbvia, a partir do que a imagem retrata, e essa confirmação do olhar torna-se ainda mais verdadeira se a observamos fora do boletim, em seu estado mais próximo do original:



Figura 5 – Rudolf Schlichter. *Raufende Frauen*. Litografia, 1922.

Fonte: Site Swan Auction Galleries

Disponível em:

<<https://catalogue.swanngalleries.com/Lots/auction-lot/RUDOLF-SCHLICHTER-Raufende-Frauen?saleno=2500&lotNo=142&refNo=756240>>

É possível enxergar os detalhes dos corpos. A força da mão de uma mulher no pescoço da outra, como um enforcamento, os olhos fechados daquela que é submetida à ação. Estaria ela morta, por falta de vida ou como uma hipérbole de grande prazer? O artista alemão possui em seu portfólio gráfico uma série de imagens que retratam o erotismo lésbico, com fantasias violentas, como estrangulamento. São imagens construídas através de um olhar masculino, que podem ser problematizadas. Mas a história do artista perde sua relevância quando a observamos dentro do contexto do *ChanacomChana*, assim como a imagem original é transformada quando recortada e copiada. Não é possível estimar a quantidade de cópias feitas do boletim, e a cada cópia as imagens eram transformadas, distorcidas, recriadas. Elas não eram observadas no detalhe do original e não estavam sozinhas, faziam parte de um contexto maior de sentidos e interpretações.

“Luta de Amor” poderia ser lido apenas como o título daquela imagem, mas também poderia servir à interpretação de lutas internas, subjetivas, que eram tratadas nas páginas da

publicação. A luta da qual Zulmira escrevera em seu primeiro poema, no qual tudo que queria era amar, mas acabava por ser muito mais complexo do que isso. A perda dos detalhes na imagem copiada faz com que as linhas que a compõem ficassem emaranhadas, sendo mais difícil entender onde uma termina e outra começa, quais os pontos que delimitam o espaço geográfico dos corpos de cada uma das mulheres. Essa transformação faz com que se fundam ainda mais, que deitadas uma sobre a outra acabem virando uma só. Seus sapatos de salto e suas vestes são representações sociais da feminilidade ideal. A cena traz um ar de amor feroz, talvez algo reprimido que finalmente está sendo liberto. Nos faz pensar quem seriam essas duas mulheres, quais vontades exprimiam e quais guardavam consigo, como segredos vividos proibidamente.

As imagens 2 e 3 estavam presentes na edição nº 9 do boletim, que tinha como título “Lésbicas e sexualidade”. A imagem 2 já nos apresenta outra forma de relação, se comparada com a analisada anteriormente, ainda que possa trazer a temática sexual lesbiana. As mulheres estão com os dedos entrelaçados, passam a ideia de um toque leve e suave. A que está ajoelhada olha para baixo, para o rosto da mulher entre suas pernas. A composição da imagem e a forma como os corpos são retratados traz um ar de jovialidade para a situação, não no sentido de indicação de suas idades, mas de sentimento novo, como as descobertas adolescentes. Já a imagem 3 parece trazer mais uma possibilidade, sendo a menos naturalista das três <sup>5</sup>. As cabeças, as mãos e os pêlos pubianos possuem todos um formato similar, de traços rápidos e simples. O corpo aberto, pernas e braços relaxados, parecem retratar um prazer conhecido, muito experimentado. O ar de novidade que carrega a imagem número 2 aqui não se faz tão presente.

Mesmo que a edição tivesse como tema principal a sexualidade, as imagens que a compunham carregavam diferentes possibilidades de significados e existências lesbianas, que iam muito além do ato sexual. A imagem de capa é um exemplo disso:

---

<sup>5</sup> Apesar de conter uma assinatura, não foi possível identificar a autoria até o momento deste presente trabalho.



Figura 6 – Autoria desconhecida. Imagem de capa do Boletim ChanacomChana nº 9

Uma mulher com corpo de ave, em posição de lançar voo, cabeça erguida, mirando o horizonte. Ela está apoiada em um sapato, que em relação a um pequeno pássaro seria grande, mas em relação ao corpo humano, pequeno o suficiente para caber nos pés. A iluminação na imagem tem seu foco no corpo da mulher-ave, é possível enxergar o contorno de seus seios



descobertos. O contraste do branco e preto faz com que seu corpo fique em destaque, como um ponto de luz em uma imensa escuridão. Não sabemos como era a imagem original e é possível perceber os efeitos produzidos pela copiadora. O fundo escuro, que poderia ter sido originalmente uniforme, apresenta pequenos ruídos, alguns formam minúsculos pontos de luz, podendo parecer a imensidão do céu à noite, repleto de estrelas por todos os cantos. Um sapato simples, de duas tiras, salto rasteiro, muito diferente do que as mulheres desenhadas por Schlichter carregavam nos pés. A proporção de tamanhos e o modo como os elementos da imagem são apresentados, faz parecer um sapato gigante (“sapatão”?). Mas não é para ele que a mulher mira seu olhar, é para a imensidão à sua frente e todas as possibilidades que ela carrega. Sua expressão é de liberdade. O que esconde essa imensidão? Talvez em um de seus voos ela aviste de cima a ilha de Safo e pare para descansar.

Como colocaram na primeira edição do *ChanacomChana*, em formato de jornal, a palavra Chana é muito mais ampla do que a definição de “órgão sexual feminino”. Para as lesbianas a palavra adquiria significados diversos, e não poderia resumir-se, por ser “algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir” (1981, p. 4). As imagens apresentadas reforçam a vastidão de significados e possibilidades que adquirem as vivências lesbianas.

Outra característica já citada do boletim foi a nomeação de sujeitos. As militantes do GALF, mesmo que não em sua totalidade, trouxeram a público seus nomes, rostos e opiniões. Esse movimento de exposição criou uma nova forma de existência para as leitoras do boletim: a que não se contenta em viver às sombras, por mais doloroso que seja o processo de libertação. E essa existência também se deu nas imagens presentes na publicação:



Figura 7 – Fotografia de integrantes do GALF. Boletim ChanacomChana nº 8



Figura 8 – Fotografia de mulheres participantes da 8ª Conferência do ILIS, 1986. Boletim ChanacomChana nº 10



mulheres lésbicas, em todo mundo,  
vêm tentando e conseguindo criar  
suas próprias organizações

Figura 9 – Fotografia de mulheres militantes não identificadas. Boletim ChanacomChana nº 12

A primeira imagem apareceu no boletim de nº 8, em uma matéria sobre os seis anos de atuação do GALF, e nela estão algumas das militantes do grupo. A segunda imagem foi publicada no boletim de nº 10, em uma matéria sobre a 8ª Conferência do ILIS, que ocorreu em março de 1986 na cidade de Genebra, e mostra militantes lésbicas latino-americanas. A terceira imagem aparece no boletim nº 12, em uma matéria sobre a relação do feminismo e da lesbiandade e as mulheres da imagem não são identificadas, mas pelo texto que existe abaixo dela é possível concluir que também são mulheres militantes da luta lésbica.

Os rostos, os sorrisos, o abraço e a parceria estão presentes nas imagens acima. A ideia da lesbiana que só poderia ser infeliz e incompleta é dissipada e dá lugar a uma nova perspectiva de existência. As imagens apresentam uma caminhada coletiva, onde a solidão pode até existir, mas passa a ser compartilhada. As vestes de algumas, que fogem dos padrões de feminilidade estabelecidos, apresenta mais uma forma de libertação. É possível concluir que todas as imagens tratam-se de fotografias, que sofreram os efeitos da copiadora. Quando copiadas as imagens parecem desenhos, ilustrações de livros de sonhações. A possibilidade do desenho é a possibilidade do imaginar, na qual personagens são criadas, com formas diferentes, características únicas, protagonistas de batalhas épicas, fantasias longínquas, segredos escondidos. Essas fotografias-desenhos, ao mesmo tempo em que carregam o material, a existência real e concreta, também abrem espaço para o sonhar, criando a possibilidade de transformação da realidade vivida e trazendo mais para perto as fantasias reprimidas de outrora. Os sujeitos lesbianos são aqui construídos a partir de matéria e imaginação, abrindo caminho para diferentes formas de existir.

O caráter artesanal do *ChanacomChana*, construído a partir de recortes e colagens, pode explicar o modo como as imagens apareciam nos boletins. Como sua produção era feita a partir de poucos recursos, era provável que as militantes do GALF utilizassem imagens que tinham acesso, de livros ou outros materiais que possuíam, além das produzidas por Míriam Martinho. Muitas vezes as imagens não são identificadas, não sendo claro de onde foram retiradas e nem quem as produziu. Mas mesmo que a escolha de sua presença fosse pensada com objetivo de ilustrar o conteúdo escrito ou a temática lesbiana de forma geral, a partir do momento em que o boletim era distribuído, essas imagens estavam sujeitas a leituras e interpretações diversas e se tornavam parte da construção de subjetividades. As imagens de capa eram o que se acessava primeiro, antes da leitura dos textos escritos dentro do boletim. As imagens faziam parte da experiência das leitoras e inevitavelmente produziam diferentes

modos de enxergar tanto a si mesmas, quanto outras lesbianas. Sua presença não pode ser ignorada, e é possível dizer que tal presença não contribuiu apenas para a criação de discursos e subjetividades, mas também na legitimação das relações lesbianas e na luta por um espaço social, afirmando que sim, o amor lésbico é maravilhoso, *e existe*.



Figura 10 – Página 13 do Boletim ChanacomChana nº 2



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho, a articulação das lesbianas integrantes do grupo SOMOS-SP teve um papel de grande importância para a luta de mulheres lésbicas no Brasil, ainda durante o período ditatorial. Tal movimentação, que culminou na criação do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e no boletim *ChanacomChana*, foi fundamental para retirada dos sujeitos lésbicos das sombras sociais em que sempre estiveram, mesmo dentro do movimento feminista e homossexual.

O surgimento do *ChanacomChana* está diretamente ligado à necessidade de visibilidade da luta lésbica e à criação de um espaço de construção coletiva de saberes e vivências da lesbiandade, que antes não existia de forma pública. Como escreveram na edição comemorativa do *Lampião da Esquina*, a existência “nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n’alguma cama com algum corpo” (1979, p. 7) não poderia bastar. A visibilidade que a publicação e que a atuação do grupo obteve, possibilitou que essa luta ecoasse para fora dos “guetos” e alcançasse diferentes contextos e vivências, criando novas possibilidades de existências para mulheres lésbicas.

As imagens presentes nos boletins representam o caráter disruptivo de posicionamento do GALF, trazendo para as leitoras reflexões acerca de lesbiandade, que iam muito além do ato sexual, não se contentando em reduzir a vivência lésbica, mas sim, ampliá-la. Levar em consideração o contexto de luta em que essas imagens estavam inseridas foi fundamental para que entendêssemos os discursos que produziam e para quem eram esses discursos. Tais imagens rompiam com o olhar masculino e heteronormativo, mesmo que originalmente fossem produzidas a partir deste viés, sendo ressignificadas por um olhar lésbico, criando imaginários que poderiam ser concretizados e vividos.

Como escrito na primeira edição do boletim, o objetivo era que ele fosse um veículo de informações, discussões, humor, namoros, poesias e sonhos. As imagens nele presentes cumpriram esse papel, na medida em que apresentaram chances de existir, tanto em matéria quanto em imaginação. Às lesbianas nem mesmo o lugar dos sonhos era permitido, sendo constantemente reprimido e arquivado. Tais existências produzidas pelas imagens deram espaço para a criação de subjetividades e vivências e fortaleceram a construção de sujeitos lésbicos, plurais, sociais e visíveis.

A partir da análise de algumas imagens, através da perspectiva da dimensão cultural da experiência visual, foi possível entender a multiplicidade de sentidos e interpretações que elas carregavam na época e como esses significados estavam sujeitos a variações de acordo com individualidades e contextos sociais específicos. Tais imagens foram terreno fértil para a criação e disseminação de existências lesbianas, que nem sempre eram concretizadas em ação, mas que já representavam mudanças na luta social e política de mulheres lésbicas. São imagens que não findam dentro de um tempo histórico específico, mas que transbordam para o social e criam novas possibilidades, imaginários e significados à linguagem.

As diferentes possibilidades de ser e estar no mundo que foram construídos no *ChanacomChana* ecoam até hoje na luta lesbiana e constituem uma memória viva, que não pertence apenas ao passado, mas que articula com o presente na criação de novas rotas de existências, que rompem com o olhar heteropatriarcal, transformam realidades e abrem espaço social para o sujeito lésbico. O futuro é construído a partir do diálogo com o passado e seu legado, lutas que antecedem mais lutas.

Este trabalho não finda as discussões e discursos criados no *ChanacomChana*, dando conta de apenas uma das muitas possibilidades de reflexões possíveis com as publicações. Os boletins são memória viva e uma fonte rica de entendimento e diálogo com o passado, assim como as histórias das mulheres presentes em suas páginas. É possível que mais análises e discussões sejam levantadas a partir das seções da publicação e de muitas outras imagens que não foram aqui analisadas. Imagino quais outras rotas de existências serão possíveis traçar a partir de outros mergulhos na história do movimento lésbico. Espero que este trabalho sirva como combustível para mais articulações com o passado, assim como foram para mim trabalhos de outras pesquisadoras acerca do tema. São saberes que nunca findam, mas que amadurecem e constroem futuros possíveis, mais bonitos e melhores.

## REFERÊNCIAS

Fontes primárias

**JORNAL CHANACOMCHANA**, São Paulo, GLF, nº 0, 1981. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 1, 1982. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 2, 1983. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 3, 1983. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 4, 1983. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 5, 1984. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 6, 1984. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 7, 1985. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 8, 1985. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 9, 1985/ 1986. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 10, 1986. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 11, 1986/ 1987. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

**BOLETIM CHANACOMCHANA**, São Paulo, GALF, nº 12, 1987. Disponível em:  
<<https://acervobajuba.com.br>> Acesso em: 09/10/2021

Fontes secundárias

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMPOS, Núbia Carla. **A lesbiandade como resistência: a trajetória dos movimentos de lésbicas no Brasil – 1979-200**. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, E. da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 12, setembro-dezembro/2004.

COSTA, Z. Y. T. **Safo, Foucault e Butler: a constituição do corpo político lésbico**. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

COUTINHO, Gabriela. **Lésbicas no debate da redemocratização: uma análise do boletim ChanaComChana**. 2019. 60 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília.

FOUCAULT, Michel. **A Escrita de Si (1983)**. In. Foucault, M: Ditos e Escritos V. Trad.: Elisa.

GELL, Alfred. **Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte**. Revista Poiésis, (10)14, 243-259, 2018.

**JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA**. São Paulo, nº 12, 1979. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/16-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-12-MAIO-1979.pdf>>. Acesso em: 30/10/2021.

KUMPERA, J. A. M. **Resistências lésbicas à ditadura militar no Brasil: imprensa, ativismo e a redemocratização**. In: XXIV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Guarulhos, 2018.

LESSA, P. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1970-2006)**. 261 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MAIA, Carolina. **Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira**. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARTINHO, Míriam. **Memória Lesbiana: há 40 anos surgia o Grupo Lésbico Feminista, o primeiro coletivo de ativistas lésbicas do Brasil**. In: Um Outro Olhar (magazine virtual). Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/2019/05/ha-40-anos-surgia-o-grupo-lesbico-feminista.html>>. Acesso em: 20/10/2021.

\_\_\_\_\_. **19 de Agosto: Primeira Manifestação lesbiana contra a discriminação no Brasil.** 2011. Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/p/publicacoes.html>> . Acesso em: 20/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Dia da visibilidade lésbica: 18 anos de uma história mal contada e sem registro.** 2014. Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/2014/08/dia-da-visibilidade-lesbica-18-anos-de.html>> Acesso em: 20/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Agosto com orgulho: os primórdios da organização lésbica no Brasil.** 2012. Disponível em: <<http://www.umoutroolhar.com.br/2012/08/agosto-com-orgulho-os-primordios-da.html>> Acesso em: 20/10/2021.

MARTINS, L. P. **Chanacomchana também é bacana! estudo sobre a imprensa lésbica no Brasil (1981 - 1987).** 57 f. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quebrando o Tabu: Visibilidade lésbica através dos boletins Chanacomchana.** Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad, v. 05, ed. especial, abr., 2019, artigo nº 1113, 2019.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. **Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lésbico.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Iconografias sarcásticas na imprensa feminista brasileira: mulherio e chanacomchana (1981-1985).** Domínios da Imagem, Londrina, v. 11, n. 21, p. 67-92, jul./dez. 2017.

PEDROSA, Adriano; BECHELANY, Camila. (orgs). **Histórias da sexualidade: catálogo.** MASP, 2017.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

SÉRVIO, P. P. P. **O que estudam os estudos de cultura visual?**. In: Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 196-215 - mai/ago 2014.

SILVEIRA-BARBOSA, Paula. **Trajetória da Imprensa Lésbica brasileira, uma história possível**. AEDOS: Revista do corpo discente do programa de pós-graduação em história da ufrgs (online) , v. 11, p. 142-163, 2019.

XAVIER, G. R. de S. **Marcas de subjetividade no discurso da charge**. 47 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.